

IV CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO:

Desafios Contemporâneos das
Sociedades Ibero-Americanas

De 23 a 27 de agosto de 2021

EVENTO ONLINE

ANAIIS DO EVENTO

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



Comissão Organizadora

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Marcelo Feldhaus	Diretor de Ensino de Graduação Representante da Pró-Reitoria Acadêmica Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Carlos Renato Carola	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato	Coordenadora do Curso de Artes Visuais Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Bruno Dandolini Colombo	Curso de Educação Física Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Cibebe Beirith Figueiredo Freitas	Coordenadora Adjunta do curso de Letras Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Jeferson Luis Azeredo	Comissão de Divulgação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Lucene Cândido Magnus	Representante discente do curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Vanessa Marcos Medeiros	Representante do Conselho Editorial Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Rafaela Ribeiro Pereira	Representante da Diretoria de Ensino de Graduação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

Comissão Científica

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Graziela Fátima Giacomazzo	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Antonio Fernando Silveira Guerra	Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Profª. Dra. Maria Teresa Santos Cunha	Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Prof. Dr. José Antonio Mateo	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) Universidad Nacional de Entre Ríos - UNER (Argentina)
Profª. Dra. Ana Paula Vosne Martins	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Profª. Dra. Silvia Maria de Favero Arend	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Profª. Dra. Amalia Morales Villena	Universidad de Granada - Espanha
Profª. Dra. Maria Stephanou	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Denise Balarine Cavalheiro Leite	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Ana Sabrina Mora	Universidad Nacional La Plata - UNLP (CONICET) - Argentina
Profa. Dra. Patrícia Ferraz de Matos	Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Miguel Anxo Santos Rego	Universidade de Santiago de Compostela - Espanha
Prof. Dr. Agustín Escolano Benito	Centro Internacional de la Cultura Escolar (CEINCE) - Espanha
Prof. Dr. Alex Sander da Silva	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS
Prof. Dr. António Gomes Ferreira	Universidade de Coimbra - Portugal
Profª Dra. Patricia Paola Ames Ramello	Pontificia Universidad Católica del Perú - Peru
Profª Dra. Maria Luiza Rico Gómez	Instituto Universitario de Estudios Sociales da América Latina Universidade de Alicante - Espanha
Profª Dra. Maria João Mogarro	Instituto de Educação Universidade de Lisboa - Portugal

Grupos de Trabalho

Giani Rabelo e Ismael Gonçalves Alves

Finanças

Amalhene Baesso Reddig, Aurélia Regina de Souza Honorato e Maxuel Sander Flor

Cultura

Birgit Harter Marques e Matheus Zimmermann

Monitoria

Caroline Bortot, Jeferson Luis de Azeredo e Lucas Damásio

Comunicação e Divulgação

Lucene Cândido Magnus e Rafaela Ribeiro Pereira

Secretaria Geral

Leila Laís Gonçalves, Paulo Martins e Wender Firmino

Tecnologia

Carlos Renato Carola e Cibele Beirith Figueiredo Freitas

Apresentações de Pôsteres

Secretaria

Rafaela Ribeiro Pereira

Secretária da Diretoria de Ensino de Graduação
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

Diagramação

Victor Burato

Designer

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



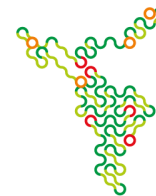
GT50

História e Imprensa: desafios da contemporaneidade

SUMÁRIO

CLIQUE E SEJA DIRECIONADA/O PARA O TRABALHO

- 7 MALBA TAHAN NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (1963-1966): UMA DEFESA DE CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO.**
Leandro Piazzon Corrêa
- 16 O BRASIL REDESCOBERTO: O JORNALISMO IMERSIVO DA REVISTA REALIDADE**
Marcelo Eduardo Leite



MALBA TAHAN NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (1963-1966): UMA DEFESA DE CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO.

Leandro Piazzon Corrêa¹

Resumo: Dentre os muitos jornais para os quais Malba Tahan escreveu, o presente trabalho se detém nos artigos publicados na coluna “A Escola e a Vida” (1963-1966) do jornal *Folha de São Paulo*, que se encontram arquivados em dois cadernos de recortes de jornais no Centro de Memória da Educação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, denominado “Fundo documental Malba Tahan”. A proposta é demonstrar como Malba Tahan utilizou-se do espaço no jornal *Folha de São Paulo* para divulgação e disseminação de sua concepção de docência, da escola e da educação matemática.

Palavras-chave: Malba Tahan, 1895-1974. Professor. Educação Matemática. Jornal. Escola Nova.

Malba Tahan in the *Folha de São Paulo* journal (1963-1966): a defense of the conception of education.

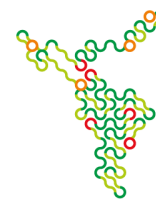
Abstract: Among the many newspapers which Malba Tahan wrote, the present work is focused in the articles published in the column “A Escola e a Vida” (1963-1966) of the *Folha de São Paulo* journal that were are archived in two scrapbooks of newspapers in the Education Memory Center at State of Campinas University - Unicamp called “Malba Tahan Documentary Collection”. The proposal is to demonstrate how Malba Tahan used the space in the *Folha de São Paulo* journal to publicize and disseminate his conception of the role of teaching, school and mathematics education.

Keywords: Tahan, Malba, 1895-1974. Teacher. Mathematics Education. Newspaper. New school.

Introdução

Esse trabalho tem origem em uma pesquisa documental para elaboração de uma dissertação de mestrado desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Malba Tahan é o pseudônimo do professor, engenheiro, escritor e palestrante Julio Cesar de Mello e Souza (1895-1974). Além de ser notabilizado por escrever contos com temática oriental e de moral religiosa, é reconhecido como popularizador e divulgador da matemática no Brasil através de manuais, livros didáticos, artigos em jornais e revistas. Publicou mais de 120 livros, o mais famoso deles *O Homem que Calculava*.

¹ Mestre em Educação, Professor na Faculdade de Paulista de Serviço Social - FAPSS, São Caetano do Sul, Brasil. E-mail: leandropiazzon@gmail.com



No campo da matemática, os livros *Didática da Matemática* (1957), *Antologia da Matemática I* (1960) e *II* (1961), além das revistas *Al-Karismi* (1946-1951) e *Lilaváti* (1957) merecem destaque da historiografia. Como professor, trabalhou em instituições de significativa importância no cenário histórico da educação brasileira, como o Colégio Pedro II, a Escola Normal, o Instituto de Educação e a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo nesta última como professor catedrático.

O início nos jornais e estratégias de publicação

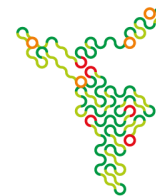
A relação de Julio Cesar de Mello e Souza com os jornais foi intensa ao longo de toda sua carreira. Para a conquista desse espaço, estratégias não faltaram, e uma delas foi a adoção de heterônimos, como R. S. Slady e Malba Tahan, sendo o último aquele que lhe traria enorme prestígio e notoriedade, marcando definitivamente sua vida. Esse recurso adotado por Malba Tahan é o que podemos chamar de arte de fazer, pois é uma “maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar” (Certeau, 1994, p.42).

Em 1918, Julio Cesar de Mello e Souza tentou publicar alguns contos no jornal *O Imparcial*, mas sem sucesso. Conhecedor da realidade do mercado editorial de sua época, remeteu os mesmos contos à redação do jornal, mas agora assinados por R. S. Slady, e, no dia seguinte, teve seus contos publicados na primeira página. Anos mais tarde, Julio Cesar de Mello e Souza, em comum acordo com o editor, irá publicar contos no jornal *A Noite* no Rio de Janeiro, desta vez fazendo uso de uma intrincada mistificação literária de temática árabe-oriental, nascia assim Malba Tahan.

Na metade da década de 1920, Malba Tahan irá publicar seus contos com o mesmo estilo no jornal paulista *Folha da Noite*. Em 1933, a verdadeira identidade de Malba Tahan é descoberta e revelada, sem que o prestígio do autor fosse comprometido junto ao público. A relação entre o autor e personagem nunca mais se dissociaria.

A produção literária de Malba Tahan² nos jornais e revistas foi longa e abundante, dado o sucesso de seus contos entre os leitores, o que atraía o interesse dos editores:

² Utilizaremos a partir desse ponto somente Malba Tahan, já que é assim que o autor assinou a coluna “A Escola e a Vida” na *Folha de São Paulo*.



A partir dessas primeiras colaborações, os contos de Malba Tahan seriam publicados durante muitos anos em vários outros jornais e revistas, dentre os quais: *O Jornal*, ao lado de Assis Chateaubriant e Rubens Furtado, em sua segunda fase; *O Cruzeiro*, de Carlos Malheiro Dias; *A Noite Ilustrada*; *Almanaque d'O Tico Tico*, com Antonio Agnelo de Souza e Silva; *Correio da Manhã*, nos tempos de Edmundo Bittencourt; *Última Hora*, com “Matemática Recreativa” (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, 1973); *Globo Juvenil*, de Djalma Sampaio e Roberto Marinho; *Vamos Ler*, com Clóvis Ramallete; *A Cigarra*; *A Galeria*; *O Número*; *A Maça*; *Revista da Semana*, *Diário da Noite*, com F. Chateaubriant; *Folha de São Paulo*, com José Reis e Octávio Frias de Farias; *Grande Hotel*, de Lotário Vecchi; *Vida Ilustrada*, com Antonio Ibrahim Haddad. (SIQUEIRA FILHO, 2008, p. 51-52).

Esse sucesso alavancou seu primeiro livro:

O primeiro livro, *Contos de Malba Tahan*, foi lançado logo após a divulgação de seus primeiros contos nos jornais *A Noite* e *Folha da Noite*. A publicação diária de seus contos e a grande aceitação pelo público leitor, não apenas propiciou a inserção de Mello e Souza no mercado editorial, como garantiu que ela fosse bem sucedida. (SIQUEIRA FILHO, 2008, p. 52).

Malba Tahan também vai propor concursos. Essa estratégia nas publicações em jornais e revistas vai aproximá-lo ainda mais de leitores, como destaca Siqueira Filho ao tratar dos concursos de matemática no jornal *Última Hora*.

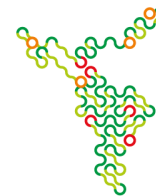
A Escola e a Vida

Entre 1963 e 1966, Malba Tahan foi responsável pela coluna “A Escola e a Vida”, uma coluna dominical na *Folha de São Paulo*. Nesse espaço, Malba Tahan tratou de diversos assuntos e temas que eram próprios de seu repertório intelectual e que marcou sua produção literária. “A Escola e a Vida” irá se caracterizar como mais um espaço em que Malba Tahan expressará seu trabalho, mas principalmente, como uma plataforma de projeção para suas ideias e concepção a respeito da educação e docência.

Em nota de 11 de abril de 1963, a *Folha de São Paulo* fez a divulgação de sua nova coluna dando o tom de como ela se desenvolveria:

As colaborações de Malba Tahan na *Folha Ilustrada*, sob o título geral de “A Escola e a Vida”, serão de considerável interesse para professores, educadores, orientadores educacionais, alunos da Faculdade de Filosofia, das Escolas Normais e de outros estabelecimentos de ensino secundário e superior. Em seus artigos dominicais, debaterá o Professor Malba Tahan todos os temas relacionados com os mais modernos e palpitantes problemas da Didática. (MT/02.027.0001-06)³.

³ Identificação do Fundo Documental Malba Tahan



A Folha de São Paulo buscou não apenas anunciar o início da publicação de uma nova coluna, assinada por um já famoso autor e reconhecido professor, mas também chamou a atenção para qual seria o principal público leitor desses artigos, o que nos possibilita conjecturar aqui as características desse público e sua relação com Malba Tahan, pois “é preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos.” (Chartier, 1991, 178).

Podemos identificar alguns leitores da coluna “A Escola e a Vida” ao lermos determinadas cartas localizadas no arquivo pessoal de Malba Tahan. Elas demonstram que o autor possuía um público consistente, que o acompanhava em suas diversas publicações e cursos, pois muitos se identificam como seus ex-alunos. Malba Tahan mantinha constante comunicação com seus leitores.

Essa característica de público leitor pode ser observada na carta de Jarbas do Amaral Vilela enviada para Malba Tahan:

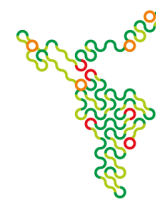
Tenho a sua coleção de livros. Meus pais sempre foram admiradores do senhor e minha mãe, Maria..., gabava-se sempre de já ter jogado xadrez com o senhor. Aliás, quando eu morava em Assis, tive oportunidade de dizer-lhe isto, quando o senhor lá esteve, fazendo aquelas conferências. Penso que o senhor se lembra. (MT/07.220.0035-96).

Essa carta foi enviada no contexto de uma série de artigos da coluna “A Escola e a Vida” que trataram da palíndromia⁴. Malba Tahan escreveu o artigo do dia 08 de setembro de 1963, intitulado “A palíndromia e seus segredos”, e continuou a abordar o assunto nos dias 15 de setembro e 6 de outubro, quando faz um pedido, oferecendo seu próprio endereço, para que os leitores lhe enviassem mais palavras e frases palíndromas, prometendo aos colaboradores que seus nomes seriam publicados em um novo estudo sobre palavras palíndromas, parte integrante de um novo livro da Editora Saraiva.

Outros temas tiveram maior destaque na coluna “A Escola e a Vida”. A didática e matemática foram assuntos privilegiados por Malba Tahan. Reconhecido como popularizador e divulgador da matemática, como assevera Sérgio Lorenzato (1995, 2004 e 2013)⁵, encontramos 24 artigos abordando a matemática e a didática da matemática na coluna, deixando evidente sua preocupação com o ensino dessa disciplina, combatendo métodos e comportamento obsoletos de sua época:

⁴ Adotamos a grafia utilizada por Malba Tahan, pois palíndromia significa a reincidência ou agravamento de uma doença, e palíndromas são palavras ou frases que podem ser lidas da esquerda para direita e vice-versa sem perder o significado.

⁵ Sérgio Lorenzato foi seu aluno em 1958, quando participou de um curso de extensão na cidade paulista de São Carlos voltado para aperfeiçoamento de professores.



Como mensageiro de diferentes métodos, estratégias, concepções e atitudes referentes ao ensino da Matemática, Malba Tahan foi um perfeito arauto. Se considerarmos que muitas de suas ideias e propostas estavam na contramão do vigente nas salas de aula da época, ele foi também um herege. E mais, ele foi um educador inovador, um excelente professor e um divulgador da cultura matemática.

As suas mensagens superam os limites da curiosidade e da diversão, vão além do científico e do pedagógico; por ele ter conseguido integrar a Matemática com a Moral, Malba Tahan nos deixou profundas lições de vida, as quais somente um espírito sensível poderia atingir (LORENZATO, 2013, p.6).

De fato, Malba Tahan também vai tratar de educação e literatura infantil. Conclui-se que “a diversidade dos assuntos e temas que foram debatidos e analisados na coluna demonstra a preocupação com que Malba Tahan tratava não apenas o ensino e didática da matemática, mas a educação como um todo” (Corrêa, 2020, p.57).

Sobre matemática, Malba Tahan vai abordar diversos pontos, como indicado Quadro 1, mas uma questão especial vai se destacar, que o autor vai chamar de algebrismo. Ele vai rechaçar professores e livros que trabalhavam com problemas matemáticos distantes da realidade, com complexidade desnecessária, pois considerava que esse procedimento desestimulava os alunos, afastando-os da matemática. Em 2 de junho de 1963, publicou o artigo “Como torturar as crianças” (MT/02.027.0009-06), que seria posteriormente publicado no seu livro *O professor e a vida moderna*, de 1967:

Preocupados em torturar as crianças, inventam, certos professores de Matemática, problemas complicadíssimos, inteiramente afastados da vida. Os nossos compêndios de Matemática estão cheios de problemas irrealis, absurdos e extravagantes. Será fácil colher exemplos expressivos em nossa opulenta Literatura Didática. (TAHAN, 1967, p.93).

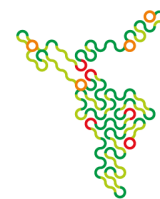
E continua seu artigo citando um exemplo prático:

De início citemos um problema para jovens do curso primário, sobre o Sistema Métrico, e que se encontra no livro *Questões do Exame de Admissão* (Rio, 1955), do Capitão Adziel de Carvalho:

1200 litros de chumbo, com 7.800.000 centímetros cúbicos de algodão, mais 500 quilogramas de água destilada, quantos quilolitros pesam?

[...] Que ideia das medidas fará um menino de 10 anos, ao ler esse problema, verdadeira excomunhão, lançada contra a simplicidade e o bom senso da matemática? (TAHAN, 1967, p.93-94).

Malba Tahan encerra o artigo criticando acidamente mais dois problemas presentes no livro *Mil problemas*, da professora Julieta Capanema, de 1938. É fato, Malba Tahan não se intimida em criticar publicamente outros autores e seus respectivos trabalhos em seus artigos e livros, pois não

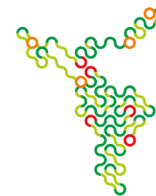


negocia ou faz concessões a respeito daquilo que entende como correto e adequado ao ensino. Esse modo de agir se repete no artigo “Os números convencionais”, de 3 de janeiro de 1965, pois Malba Tahan fez uma crítica direta aos professores Benedito Castrucci e Geraldo dos Santos Lima Filho, acusando os dois de terem cometido plágio ao utilizarem o problema dos 35 camelos, presente no livro *O homem que calculava*, sem citar a fonte original.

Quadro 1 – Artigos que tratam da matemática entre 1963 e 1966 na coluna "A Escola e a Vida"

Título do Artigo	Data	Código do Acervo
A suposta aridez da matemática	05/05/1963	MT/02.027.0005-6
O algebrista	12/05/1963	MT/02.027.0006-6
O algebrismo no Brasil	19/05/1963	MT/02.027.0007-6
A matemática e o algebrismo	26/05/1963	MT/02.027.0008-6
O ensino da matemática	28/07/1963	MT/02.027.0017-6
A matemática de Rubem Braga	18/08/1963	MT/02.027.0020-6
O medo da matemática	25/08/1963	MT/02.027.0021-6
A matemática e sua utilidade na educação moral	22/09/1963	MT/02.027.0025-6
A aritmética do apagador	29/09/1963	MT/02.027.0026-6
A matemática para o engenheiro	10/11/1963	MT/02.027.0031-6
Notas sobre o ensino e objetivos da matemática	8/03/1964	MT/02.027.0045-6
Matemática e desenho	10/01/1965	MT/02.038.0002-7
As divergências no ensino da matemática e do desenho	17/01/1965	MT/02.038.0003-7
A vara – medida famosa	02/01/1966	-
A aritmética dos araucanos	09/01/1966	-
O luxo da aritmética	16/01/1966	-
Um professor de matemática no Escorial	23/01/1966	-
1966 e o bissexto	30/01/1966	-
Pérolas da matemática	27/02/1966	-
Os mártires da matemática	06/03/1966	-
A matemática nas adivinhas populares I	13/03/1966	-
A matemática nas adivinhas populares II	20/03/1966	-
A matemática nas adivinhas populares III	27/03/1966	-
A matemática nas adivinhas populares IV	03/04/1966	-

Fonte: Corrêa (2020, p. 53)



Outra defesa fervorosa que Malba Tahan fez em seus artigos na *Folha de São Paulo*, foi em favor do uso do caderno dirigido, deixando evidente a influencia escolanovista do seu trabalho, como apresentado no Quadro 2. O uso do caderno dirigido está ligado à prática do estudo dirigido, ideia muito difundida pelos ideais da Escola Nova. No Brasil, o escolanovismo estava enraizado nos princípios que norteavam a Campanha de Difusão do Ensino Secundário – CADES, da qual Malba Tahan havia sido professor.

Quadro 2 – Artigos que abordaram o caderno dirigido na coluna “A Escola e a Vida”

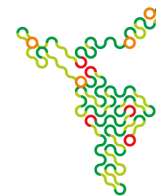
Título do artigo	Data	Código no acervo
O problema do caderno dirigido	18/7/1965	MT/02.038.0024-07
O caderno dirigido e o XIII mandamento	25/7/1965	MT/02.038.0025-07
Ainda o caderno dirigido	1/8/1965	MT/02.038.0026-07
O caderno dirigido e o seu emprego	8/8/1965	MT/02.038.0027-07
O caderno dirigido e sua aceitabilidade.	15/8/1965	MT/02.038.0028-07
Apreciações sobre o caderno dirigido	22/8/1965	MT/02.038.0029-07
A eficiência do caderno dirigido	29/8/1965	MT/02.038.0030-07

Fonte: elaboração própria

O fato de Malba Tahan ter trabalhado na CADES merece atenção, posto que enquanto professor, ele se identificava com o trabalho desenvolvido pela campanha, pois “duas importantes orientações didáticas foram difundidas aos professores: a adoção da técnica do estudo dirigido e a utilização de recursos didáticos diferenciados para promover a aprendizagem matemática” (BARALDI; GAERTNER, 2014, p.980):

O estudo dirigido como técnica para o ensino de matemática foi estudado, discutido e utilizado nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil. Em especial, podemos destacar o papel dos Colégios de Aplicação das Faculdades de Filosofia, bem como da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) na divulgação desta técnica de ensino junto aos professores de Matemática do ensino secundário. O estudo dirigido era sugerido como uma alternativa a outra técnica de ensino que predominava nas aulas de matemática naquele momento, a exposição. Questionava-se a contribuição da exposição do professor em relação à aprendizagem do aluno. (LANDO, 2011, p.2)

Como explicado por Lando (2011), as aulas meramente expositivas eram a representação do atraso e símbolo de obsolência, sendo sistematicamente criticadas por Malba Tahan, que o autor vai chamar de método da salvação, como pode ser visto no artigo “O método da salvação”, de 21 de



abril de 1963. Convém dizer que esse artigo não é original, pois compunha o conteúdo de uma apostila para um curso de didática da CADES (MT/06.001.0041-01 e MT/06.004.0009-3), curso esse ministrado por Malba Tahan.

Muitos dos conteúdos presentes nos artigos da coluna não eram originais, tendo sido publicados em outros momentos pelo próprio Malba Tahan, como é o caso dos artigos “A suposta aridez da matemática” e o “Medo da matemática”, publicados por ele na *Revista Escola Secundária*⁶, respectivamente nas edições de junho de 1959 e setembro de 1960, como identificou o trabalho de Baraldi e Gaertner (2014).

Conclusão

Malba Tahan utilizou-se do espaço da coluna “A Escola e a Vida” para defender os princípios de educação e docência identificados com os ideais da Escola Nova. Aproveitou-se da experiência que teve como professor da CADES, já familiarizado com o material difundido pela campanha, disseminando tal conteúdo nas páginas da *Folha de São Paulo*. Defende nesses artigos, seu pensamento a cerca do ensino da matemática, combatendo vícios que vai chamar de algebrismo e salvação, uma luta constante em outras obras de sua autoria.

Referências

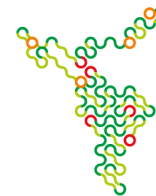
BARALDI, Ivete Maria; GAERTNER, Rosinéte. **CADES: seus textos e seus contextos na história da educação matemática**. In: Anais do ENAPHEM, Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática. 2º, Bauru, 2014, p. 972–981. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/ENAPHEM/issue/view/411>. Acesso em: 08 de setembro de 2021.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: Estud. Av. São Paulo, v. 5, nº 11, abril de 1991, p.173–191. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>. Acesso em: 09 de setembro de 2021.

CORRÊA, Leandro Piazzon. **A biblioteca e o arquivo feitos obra: a publicação das antologias do Bom Professor de Malba Tahan**. 2020. 1 recurso online (122 p.) Dissertação (mestrado) -

⁶ A *Revista Escola Secundária* era uma publicação da CADES.



Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/343427>. Acesso em: 08 de setembro de 2021.

LANDO, Janice Cassia. O estudo dirigido no ensino de Matemática no Brasil (1955-1966). In: **Anais da XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática**, 4. História e epistemologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011, p.1-12. Disponível em: https://xiii.ciaem-redumate.org/index.php/xiii_ciaem/xiii_ciaem/paper/viewFile/1746/698. Acesso em: 08 de setembro de 2021.

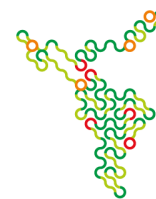
LORENZATO, Sérgio. **Um reencontro com Malba Tahan**. In: Zetetiké - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática – Ano 3 - n. 4, Campinas, 1995, p.95–102.

_____. **Malba Tahan, um precursor**. In: Educação Matemática em Revista, São Paulo, ano 11, n. 16, maio 2004, p. 63–66.

_____. **Uma especial página da educação matemática brasileira**. In: Ciências em Foco, v. 2, n. 1, 31 jan. 2013.

SIQUEIRA FILHO, Moysés Gonçalves. **Ali Iezid Izz-Edim IBN Salim Hank Malba Tahan: Episódios do Nascimento e Manutenção de um Autor-Personagem**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

TAHAN, Malba. **O professor e a vida moderna**. Rio de Janeiro: Ed. Vecchi, 1967.



O BRASIL REDESCOBERTO: O JORNALISMO IMERSIVO DA REVISTA REALIDADE

Marcelo Eduardo Leite¹

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo expor aspectos peculiares da revista Realidade, publicação que se diferenciou ao reportar a cultura brasileira. De forma correlata, a abordagem também atenta para a visibilidade dada a alguns personagens da sociedade brasileira. Para tal, apresentamos duas reportagens publicadas nos anos de 1966 e 1967, as quais trazem elementos característicos do meio em questão. Merece destaque também a forma como fotografia e texto se articulam na referida publicação, com um modelo híbrido e harmonioso de construção da notícia.

Palavras-chave: Fotojornalismo. Revistas ilustradas. Realidade. Cultura brasileira.

BRAZIL REDISCOVERED: THE IMERSIVE JOURNALISM OF REALIDADE MAGAZINE

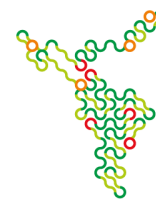
Abstract: This paper aims to show peculiar aspects of the Realidade magazine, a publication that had a different way to report the Brazilian culture. In a related manner, the approach also pays attention to the visibility given to some characters of this society. In this sense, we present two reports that were published in 1966 and 1967, which bring characteristic elements of the medium in question. It is also important to mention the way in which photography and text are articulated in the publication through a model of construction of the news that is hybrid and harmonious.

Keywords: Photojournalism. Illustrated magazines. Realidade. Brazilian culture.

Considerações iniciais

Refletir sobre nossa imprensa nos leva a pensar num contexto maior, atrelado às transformações vividas por nossa sociedade, inclusive do ponto de vista econômico. A realidade de uma colônia totalmente dependente, impactou no surgimento dos meios impressos, já que o Brasil demorou para ter tipografias, impossibilitando, entre outras coisas, a impressão de periódicos. Foi no contexto da vinda da família real, em 1808, que nasceu o nosso primeiro jornal, a Gazeta do Rio de Janeiro (LUSTOSA, 2003). Pouco depois, em 1812, foi lançado o primeiro número de As Variedades, aquela que é tida como a primeira revista brasileira (BATISTA; ABREU, 2010). Algumas décadas depois, em 1876, tivemos o lançamento da Revista Ilustrada. E, com o processo de grandes transformações da virada do século, tivemos o aparecimento de O Malho, Careta e Revista da Semana

¹ Mestre em Sociologia pela Unesp e Doutor em Multimeios pela Unicamp. Professor Associado na Universidade Federal do Cariri, Campus de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.



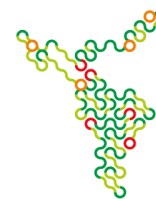
(MUNTEAL; GRANDI, 2005). Aos poucos a fotografia foi ganhando importância e, pelas mãos do empresário Assis Chateaubriand, em 1928, a O Cruzeiro veio para demarcar uma era de mudança. A publicação inovou por suas temáticas diferenciadas, com grandes reportagens, e também por ser a pioneira na introdução da linguagem da fotorreportagem (ANDRADE; CARDOSO, 2001).

Bem estruturada, ela tinha representantes em todo país e também correspondentes no exterior. Apesar de ser referência desde a sua chegada, com significativos investimentos em maquinários, foi em 1943, com a chegada do francês Jean Manzon, detentor de conhecimentos advindos de seu trabalho em algumas publicações francesas, que a revista (e as publicações brasileiras) se equipararam ao que se fazia no exterior.

Manzon foi fundamental para a implementação das fotorreportagens em O Cruzeiro e, para tal, se engajou numa profunda reformulação da revista, com mudanças num modelo já ultrapassado. Sua experiência anterior veio de seu trabalho nas revistas Match e Vu, quando houve um avanço muito grande, “[...] deixando para trás os velhos clichês que preconizam o uso da fotografia como mero recurso de ilustração” (MAGALHÃES; PEREGRINO, 2004, p. 54).

Em 1952, Adolpho Bloch lançou a revista Manchete, principal concorrente da O Cruzeiro. Segundo Andrade e Cardoso, “o apogeu da Manchete coincidiu com o declínio de O Cruzeiro e com a transferência de dezessete jornalistas deste periódico para a Manchete, em 1958 [...]”, dentre eles Jean Manzon (2001, p. 251). **SEGUNDO HELOUISE COSTA**, a saída de Manzon da O Cruzeiro possibilitou a revista a tomar uma linha humanista (COSTA, 2012). No Brasil, tal vertente fomentou, no âmbito da fotografia, inúmeros trabalhos documentais sobre a cultura brasileira. A objetividade na fotografia de cunho humanista se deu pela produção de trabalhos ligados mais diretamente à realidade, sobretudo mergulhados nos rincões do Brasil para registrar histórias e expressões culturais até então marginalizadas (BURGI, 2012).

Com relação à consolidação do mercado editorial brasileiro, o contexto iniciou uma nova era, com o crescimento do grupo Abril. Nos termos de Corrêa (2008), a editora que dominou o mercado nas décadas seguintes, nasceu em 1950, quando Victor Civita lançou Pato Donald. Anos depois, em 1966, foi lançada a revista Realidade, uma aposta do grupo em uma revista mensal, composta por grandes reportagens. O impacto de seu lançamento foi enorme. A publicação tinha grande ousadia editorial, sendo influenciada por importantes publicações, como Life, Look e Paris Mach, e contou com total apoio de Robert Civita, proprietário e executivo da editora, que havia estudado jornalismo

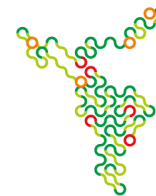


nos Estados Unidos, tendo conhecimento daquilo que havia de mais novo na área. Um outro componente determinante foi o grupo que a formou: jornalistas jovens e idealistas liderados por Paulo Patarra, então editor da revista Quatro Rodas, a qual foi a gênese do modelo que se delineou, especialmente pelo fato de seus jornalistas terem produzido reportagens especiais com um longo tempo de produção e liberdade de criação.

Entre os jornalistas pioneiros de Realidade estavam Carlos Azevedo, Sérgio de Souza, José Carlos Maranhão, José Hamilton Ribeiro, Narciso Kalili e Mylton Severiano. Seus primeiros fotografos foram: Walter Firmo, Luigi Mamprin, Jorge Butsuem, Roger Bester, George Love, Claudia Andujar, entre outros.

A revista marcou uma ruptura na área das publicações ilustradas no Brasil, pois seu caráter se diferenciava das duas principais antecessoras, O Cruzeiro e Manchete, especialmente em relação ao seu teor. Realidade surge com uma proposta na qual a alteridade, diante da realidade observada, é um elemento chave. Outra diferença foi o tempo de execução das matérias, que permitia uma profundidade maior, proporcionando que jornalistas e leitores tivessem vasto reconhecimento dos fatos narrados. Nas palavras de **CHICO HOMEM DE MELO: “A PERIODICIDADE MENSAL PERMITIA REPORTAGENS DE FÔLEGO, QUE MARCARAM ÉPOCA NA IMPRENSA BRASILEIRA, TANTO PELA PROFUNDIDADE COMO PELO ESPÍRITO CRÍTICO” (2006, p. 147). SEU SUCESSO FOI TANTO QUE ELA OBTVEVE A MARCA DE 250 MIL EXEMPLARES VENDIDOS EM SEU LANÇAMENTO, ATINGINDO DEPOIS 450 MIL, NÚMERO SUSTENTADO POR ALGUNS ANOS (MELO, 2006).**

Além disso, a revista trouxe um tratamento gráfico que fez da fotografia algo determinante. Segundo Melo, a relevância da fotografia em Realidade foi evidente desde sua diagramação, articulando as notícias com bastante ousadia, permitindo que ela, o texto e o *design* caminhassem juntos “[...] dividindo irmanamente a responsabilidade pela construção do discurso” (MELO, 2006, p. 149). Quanto ao conteúdo, a revista, seja no tocante ao texto ou às imagens, configurou-se num divisor de águas, demarcando uma passagem para o jornalismo brasileiro; já que significou para os profissionais da área e para os pesquisadores da cultura brasileira uma referência, tanto pela abrangência dos temas abordados como pela forma que os apresentava (FARO, 1999).



Dois mergulhos na Realidade

No intuito de ilustrar nossa breve incursão no campo das fotorreportagens da Realidade, elencamos dois casos que abordam personagens característicos de um Brasil pouco conhecido pelos moradores dos grandes centros urbanos e, conseqüentemente, por boa parte dos brasileiros: são pessoas que trabalham no interior do país e que lidavam cotidianamente com problemas sociais e ambientais, cada um deles numa realidade distinta.

A reportagem intitulada *Uma vela contra o mar*, com texto de Narciso Kalili e fotografias de Luigi Mamprin, lança luz sobre o trabalho dos jangadeiros no litoral cearense, Nordeste brasileiro. Trata-se de um ofício bastante comum na região, mas que se mostra desconhecida em outras partes do país, uma vez que vários termos específicos de tal realidade estão em destaque na reportagem publicada e necessitam de uma explicação, como no exemplo: “com a biquara (vara onde se levam dependuradas as linhas de pesca e os anzóis) nas costas, Pedro saiu da bodega, atravessando a rua cheia de areia” (p. 42).

A imagem de abertura da reportagem, realizada na praia de Canoa Quebrada, no estado do Ceará, ocupa cerca de dois terços da página, deixando apenas uma tira de texto abaixo do imenso mar azul. As letras do título estão sobrepostas à imagem, na cor branca e em uma espécie de simetria com a página seguinte, onde, também num tom mais claro (amarelada), está uma jangada. Texto e imagem dialogam diretamente, especialmente no que tange ao título (figura 1).

Figura 1



Fonte: Coleção particular do autor

A seguir, as imagens apresentam ao leitor os três personagens principais: Pedro (o mais velho), Raimundo (filho de Pedro) e Valdemar (filho de Raimundo). A mesma família vista na página ímpar,

na página par aparece lançando sua jangada ao mar, iniciando o dia de pescaria. No alto da página, lemos: Êstes 3 homens não vivem sem o mar (figura 2).

Figura 2

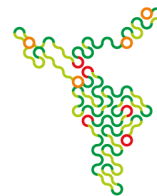


Fonte: Coleção particular do autor

Na figura 3, outros personagens surgem. Um destes é um poeta local, cujos versos auxiliam na condução de partes do texto. O mar não deixa de se fazer presente. Uma fotografia feita a partir da própria jangada, apontando a busca de um olhar íntimo do fotógrafo, mostra a forma como se desenvolve a pescaria: no segundo plano vemos Pedro com uma linha na mão; no primeiro plano, Raimundo olhando o mar, ao mesmo tempo em que está encostado no material de pescaria. Além disso, a página 47 ainda apresenta um ponto doloroso apontado pelo texto: o falecimento de pescadores no mar (por meio de uma espécie de cemitério na areia).

Figura 3





Fonte: Coleção particular do autor

Merece destaque, nesta fotorreportagem, a presença de diálogos e transcrições do que seriam pensamentos dos personagens. Pedro, por exemplo, reflete acerca do futuro do neto: “Pedro Teófilo fazia força para aguentar a jangada, que corcoveava como um cavalo branco, e pensava: - Valdemar está com problemas. Se ele abandonar o mar tenho que trazer Niciano comigo” (p. 43). Ambientações variadas também são apresentadas ao longo do texto, indicando características do lugar, tanto no mar quanto na terra. Assim notamos que o texto e as imagens buscam uma proximidade com a realidade abordada, dando a eles a condição de se expor, características que, em nosso entendimento, demonstram uma vertente diferenciada da revista.

Já a segunda reportagem, denominada *Êste boi é meu*, é aberta com uma imagem que ocupa duas páginas, na totalidade. A cena enfatiza a ideia de movimento, e o sentimento de velocidade. Através do recurso de tempo do obturador da câmera, com o uso da técnica do *panning*², David Drew Zingg passa uma ideia de movimento que dá vida à fotografia, gerando uma expectativa para o leitor que é conduzido para o texto. Na composição (figura 4), observamos dois homens, um cercado e três bois. A parte mais nítida é aquela mostra os homens, chamando a atenção do observador para o centro da página. Por sua vez, o texto define o personagem da matéria, um *magarefe*³, apontado como sendo uma pessoa forte, rude e ligeira. Expondo a relação de cumplicidade entre repórter e fotógrafo, uma das marcas da revista *Realidade*, fotografia e texto se completam.

² Recurso pelo qual o fotógrafo acompanha o movimento do objeto fotografado, aumentando a ideia de movimento e velocidade na fotografia.

³ O *magarefe* é “aquele que mata e esfolia reses nos matadouros, carnicheiro”, de acordo com o Miniaurélios (2001).

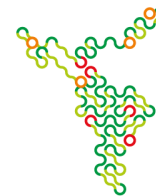


Figura 4



Fonte: Coleção particular do autor

A narrativa é iniciada com a reprodução do que seria o princípio do dia de um homem de uma localidade no interior do Nordeste. O magarefe desperta durante a madrugada, conversa com sua esposa, amola sua faca e parte para o matadouro do município de Feira de Santana, na Bahia. Ao definir a profissão do homem, Roberto Freire diz que “[...] para ele [João], ser magarefe é profissão como qualquer outra. Mas alguma coisa dentro dele, lá no fundo, não concorda com isso. Porque João gosta da vida e sabe – inconscientemente, pelo menos, - que sua profissão é matar” (p. 53). Mais adiante, são destacadas características do matadouro: cheiro de sangue, cheiro de morte.

A segunda fotografia da reportagem (figura 5) apresenta João pulando uma cerca, suas roupas, descritas na página seguinte, estão sujas de sangue. Algo que, pelo que vemos, não o preocupa. Sua expressão evidencia a certeza no que faz: matar. A imagem possivelmente feita com uma teleobjetiva tem o primeiro plano nítido e o fundo desfocado, atraindo o olhar para a figura do homem, o destacando. As cores, fortes, principalmente pelo vermelho do sangue, gera dramaticidade. O enquadramento possibilita a percepção do lugar: um cercado, onde ainda notamos bois ao fundo.

Figura 5



Fonte: Coleção particular do autor

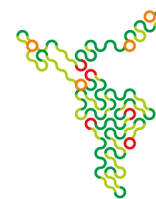
O texto traz, ainda, a reprodução de uma conversa entre um pai e um filho. Um garoto de 16 anos, que está envolvido com uma mulher casada, diz para o pai: “Sangue pra mim é igual água, pai” (p. 58). É observando cenas como esta que João pensa nos seus filhos, que eles deveriam ir para a escola, porém, não é possível. Inexistem escolas públicas na região e, além disso, eles precisam ajudar em casa.

Outra fotografia que dialoga com o texto, revela uma situação na qual são mortos os bois (figura 6). O autor do texto, Roberto Freire, descreve o lugar como sendo uma piscina de sangue, nos quais os pés emergem até o tornozelo. O enquadramento escolhido e a posição do fotógrafo permitem que a fotografia tenha dois planos. No primeiro, o animal morto, no segundo, os dois homens. Mais nítida, a segunda mostra o sangue e o lugar onde tudo acontece.

Figura 6



Fonte: Coleção particular do autor



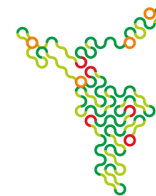
Nas páginas seguintes, os dizeres: “hoje, no trabalho, sangue para ele tem perfume – significa dinheiro” (1967, p. 57). Por fim, João faz outra reflexão: “não é bom viver da morte, coberto de sangue e dívidas” (1967, p. 58). Novamente, texto e imagem se fundem, mais uma vez uma interação entre os dois jornalistas, com a mensagem visual transcrita por Roberto Freire.

Considerações finais

Realidade teve uma vida relativamente curta, de apenas 10 anos. Porém, já em seu lançamento, se compararmos suas reflexões com relação as questões pouco conhecidas da cultura brasileira, ela deu ótimos exemplos do tipo de jornalismo que pretendia alcançar. Seus textos leves, literários, apresentaram um Brasil diferente: construído por depoimentos diretos dos personagens, e suas fotografias buscavam um aprofundamento na realidade, além de proporcionar liberdade criativa tanto para a produção de texto, como para suas imagens. Tal característica parece ser a mais enfática nos textos dos repórteres da Realidade. Cada narrativa é composta por diálogos e pensamentos que apenas o convívio e, conseqüentemente, uma pesquisa poderia tornar possível.

Nossos apontamentos indicam que, nas duas reportagens descritas e exemplificadas, temos um importante exemplo daquilo que Realidade pretendia: reconhecer o país e evidenciá-lo aos brasileiros. Os assuntos abordados provêm de regiões distantes do eixo Rio - São Paulo e, certamente, desconhecidas pelos leitores ou, se conhecidas, esse reconhecimento muitas vezes carregado de arquétipos e falas preconceituosas. As fotografias dão elementos para a construção de um cenário que expõem aspectos diversos da realidade, assim como o texto que contribui com a elaboração do seu sentido: assim, texto e imagem, juntos, possibilitam ao leitor entender as relações existentes naquela região.

Sendo assim, notamos que a revista se propunha a desenvolver pautas diversificadas e, neste caso específico, mostrando modos distantes e diferentes de trabalho, contribuindo para a possível elaboração de uma nova imagem dos brasileiros. Acreditamos que a postura inovadora da revista, com sua forma de se relacionar com os temas, possam trazer uma reflexão que nos ajude a conhecer melhor a influência de seu jornalismo na imprensa brasileira, tão carente de produções com tais características.



Referências

A Revista no Brasil. São Paulo: Editora Abril, 2000.

ABREU, Alzira Alves de. **A Modernização da Imprensa (1970 – 2000).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou manchete. **Revista Brasileira de História** [online]. 2001, vol.21, n.41, pp. 243-264.

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREU, Karen Cristina Kraemer. **A História das Revistas no Brasil:** um olhar sobre o segmento mercado editorial. 2010. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt> >. Acesso em 16 abr. 2011).

BURGI, SÉRGIO. O FOTOJORNALISMO HUMANISTA EM O CRUZEIRO. IN HELOUISE COSTA; SÉRGIO BURGI (ORG.). AS ORIGENS DO FOTOJORNALISMO NO BRASIL: UM OLHAR SOBRE O CRUZEIRO. SÃO PAULO: INSTITUTO MOREIRA SALLES, 2012.

CARVALHO, Luiz Maklounf. **Cobras criadas: David Nasser e O Cruzeiro.** São Paulo: Senac, 2001.

CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 207-232.

COSTA, HELOUISE. ENTRE O LOCAL E O GLOBAL: A INVENÇÃO DA REVISTA O CRUZEIRO. IN HELOUISE COSTA; SÉRGIO BURGI (ORG.). AS ORIGENS DO FOTOJORNALISMO NO BRASIL: UM OLHAR SOBRE O CRUZEIRO. SÃO PAULO: INSTITUTO MOREIRA SALLES, 2012.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade – 1966-1968.** Tempo de reportagem na imprensa brasileira. Ulbra/AGE, 1999.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

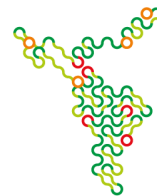
MAGALHÃES, Angela; PELEGRINO, Nadja Fonseca. **Fotografia no Brasil – Um olhar das origens ao contemporâneo.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.

MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 207-232.

MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. **A Imprensa na História do Brasil. Fotojornalismo no século XX.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Desiderata, 2004.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil:** um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete. São Paulo: Annablume, 2002.

RIDENDI, Marcelo. **Em Busca do Povo Brasileiro.** Rio de Janeiro, Record, 2000.



SIMONARD, Pedro. **A Geração do Cinema Novo**: para uma Antropologia do Cinema. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.